



Jornalista, sempre. Passagens breves pela política não o afastaram da comunicação social. FOTO TERESA GONÇALVES

tão acéfala. Isso faz-me impressão, sim. Depois, também acho que as pessoas não lêem, porque não tem credibilidade nenhuma. É uma ilusão do presidente do Governo Regional que pensa que escrevendo um artigo no Jornal da Madeira vai ter alguma importância. É uma visão muito antiquada do papel da imprensa.

Pode ter importância dentro do PSD? Isso só mostra o lado fechado, ensimesmado deles que pensam que isso tem importância. Não tem. Se fosse lido, procurado, não era oferecido, como é.

O certo é que, ao fim de todos estes anos, Alberto João Jardim permanece. Sim, mas isso é uma fatalidade. É preciso perceber o que era a Madeira antes. É um bocadinho deprimente dizer isto, mas antigamente não havia grande agressividade, independentemente das simpatias partidárias, das pessoas que eram do regime e das que eram da oposição, como era o nosso caso. Havia um ambiente de convivência normal, as pessoas falavam umas com as outras e não havia a agressividade que passou a haver depois. Nessa altura, o poder central estava longe e queixávamo-nos da falta de autonomia. Agora, está condicionado por um

poder que está cá dentro e que o condiciona mais directamente.

A Autonomia acabou? A Autonomia nunca foi. Foi um sonho. Eu era um feroz adepto da Autonomia porque sentia que havia uma grande frustração, porque para fazer qualquer coisa era preciso autorização de Lisboa. Depois, passou-se do 8 para o 88. Houve um descontrolo total. Houve uma espécie de ditadura, não no sentido efectivo do termo, mas de facto e uma grande condescendência do poder continental, pelo complexo de culpa que tinha em relação às 'ilhas adjacentes'.

Esse complexo ainda continua? Não, agora acho que já não é, porque chegou a um ponto em que rebentou. O caso da Madeira explodiu. O poder regional tornou-se de tal maneira inimputável que se deu esse descabro financeiro, completamente sem sentido, como os famosos elefantes brancos que povoam a ilha, só para dar trabalho aos construtores civis que apoiam o regime local. Tudo isso faz com que a Madeira esteja prisioneira de uma situação que é muito pior do que a de Portugal em relação à 'troika'.

E vai piorar? Vamos ter 2013 com impostos como nunca se viu e pen-

so que é inevitável que o reflexo disso chegue aqui, apesar de haver algumas fantasias aí de que a Madeira ainda vai beneficiar. Temos um programa que considero totalmente absurdo e que, mais dia menos dia, temos de concluir que austeridade sobre austeridade não resulta.

O poder central tem responsabilidade no que se passou na Madeira? O dr. Alberto João Jardim insultava todos os governantes do continente e eles ficavam assustados e davam-lhe o dinheiro para ele se calar. Foi assim que a Madeira foi sendo governada. Acho que as autoridades centrais têm muita responsabilidade. Acho incrível como é que certas questões, do ponto de vista constitucional, passaram. Há, de facto, um défice democrático, agressões à Constituição, há milhares de exemplos de promiscuidade pública... Tudo isso é assustador.

O que faltou à oposição regional, ao longo destes anos? O dr. Alberto João veio preencher o vazio do pós-25 de Abril, com o apoio da Igreja Católica, é preciso reconhecer. A esquerda que despontou mais cedo foi a UPM que depois foi absorvida pela UDP, assustou muito as pessoas, com um radicalismo que não correspondia à realidade sociológica da Madeira e foi alargando terreno para a implantação do jardimismo. Depois, o PS chega um bocadinho tarde e entraram naquele ritmo de que o partido não ganha as eleições, o líder vai embora. O PS é uma máquina de triturar líderes. O CDS é mais surpreendente. O José Manuel Rodrigues mostra alguma esperteza e por isso é que teve mais votos nas últimas eleições, mas não sei se chega.

Alguma coisa vai mudar? Eu acho que o jardimismo está em agonia, até diria que mete dó. Não tenho pena, porque estão a sofrer as consequências do que fizeram, mas o problema é quem também sofre essas consequências são as pessoas que vivem na Madeira e durante muito tempo se deixaram enganar.

Votaram enganados? Enganados ou deixaram-se enganar. Se Alberto João Jardim está onde está é porque o povo votou nele. Podemos dizer que votou por ignorância porque não houve transição democrática na Madeira. Passou-se do regime antigo, da Madeira Velha para a Madeira Nova, sem haver transição democrática. Antes, era o dr. Salazar e o dr. Caetano, à distância e depois o dr. Alberto João tomou o poder e ficou aqui 34 anos. Com isso, cria-se uma clientela que torna tudo mais complicado.

Agora, pela primeira vez, há quem assumira uma candidatura contra Jardim, Miguel Albuquerque. Sim, mas ele apresenta essa candidatura depois de perceber que já não pode ficar na Câmara. Eu gostava que se tivesse distanciado antes. Acho que para ser credível tinha de se ter demarcado muito antes. * **C/ NICOLAU FERNANDES E GRAÇA FREITAS**

EE

TENHO PENA QUE UM JORNAL (JM) SE TORNE NUMA FOLHA DE PROPAGANDA TÃO ACÉFALA

DEVE HAVER SERVIÇO PÚBLICO NA TV, TENHO DÚVIDAS QUE SÓ POSSA SER FEITO POR VIA ESTATAL

Opinião



José Manuel Oliveira Desplante!

O ministro das Finanças acaba de enunciar um novo pacote de austeridade que vai, uma vez mais, como sempre, à bolsa dos trabalhadores e dos pensionistas, mitigada por uma distribuição que, segundo governo, é mais equitativa por abranger todos os contribuintes em particular aqueles que auferem maiores rendimentos.

Insiste-se assim numa política cujos resultados todos nós conhecemos, um total falhanço.

Aliás, o que se esperaria deste governo, seria a apresentação de medidas para redução da despesa do Estado, pois continuamos sempre sem saber quais serão, sempre adiadas, e sabemos que há muito por onde cortar. A austeridade tem provocado danos quase irreparáveis na nossa economia que, de recessão em recessão, caminha com estas novas políticas para o total abismo, fazendo disparar de uma forma brutal o desemprego e com isso afectar a felicidade e o futuro dos portugueses. Ninguém de bom senso acredita neste novo pacote pois em nada contribuirá para aquilo que é essencial e que se reclama há muito, políticas que promovam rapidamente o crescimento económico e com isso diminuir o desemprego que é o principal problema que deveria estar na base da governação. Os dados falam por si, mas para percebermos o porquê destas medidas, atrevo-me a transcrever a opinião de um Senhor, prémio Nobel da Economia, Paul Krugman, que recentemente (Fevereiro 2012) no seu livro «Acabem com esta crise, já» escreve: «...uma política orçamental concentrada nos défices e não na criação de emprego, uma política monetária que combate obsessivamente o mínimo sinal de inflação e sobe as taxas de juro mesmo perante o desemprego em massa - , tudo isso serve, com efeito, os interesses dos credores, daqueles que emprestam dinheiro por oposição àqueles que contraem os empréstimos e/ou trabalham para ganhar a vida. Aqueles que emprestam dinheiro querem que os governos tenham como sua maior prioridade honrar as suas dívidas...» Para que mais palavras. O papel deste governo é estar ao serviço dos credores que nos sugam tudo sem olhar a nada e sem se preocuparem com o sofrimento do povo. Precisamos urgentemente de mudar de rumo que este governo revela-se incapaz. Chega!



www.dnoticias.pt
LEIA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA NA PLATAFORMA ON-LINE E OUÇA NA TSF-M (100 FM), A PARTIR DAS 9H30.